Anno I — OVAR quinta-feira, 10 de Setembro de 1908 — Numero 20

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA
Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis
Avulso . . . . . 20 »
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva Lemos & Gonçalves
Rua de Passos Manoel, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Monarchia e republica

O incremento que o partido republicano portuguez tem tomado e a possibilidade, pelas forças de que dispõe, de n'uma epocha mais ou menos proxima presidir aos destinos da nação, torna opportunas umas considerações sobre as duas fórmas de governo—monarchia e republica.

Não nos servirá d'argumento o facto d'este ou d'aquelle paiz de instituições monarchicas se considerar feliz com o regimen que adopta, como não nos servirá o de em qualquer republica não serem respeitados os principios democraticos. O confronto do nosso com esses paizes só póde trazer-nos á conclusão de que se algumas monarchias ha prosperas, menos razão tem d'existir a nossa que não soube nem quiz ser egual a essas; se algumas republicas ha menos felizes só nos serve para lhe estudarmos os defeitos e os corrigir n'uma futura constituição republicana portugueza.

A democracia representativa tem como caracteristica, segundo Bleutschly (Th. S.al de l'Etat) attribuir o poder á maioria e confiar o seu exercicio a uma minoria por ella escolhida. As eleições frequentes que os monarchicos apontam como um inconveniente, são pelo contrario uma das suas vantagens. A dependencia em que por ellas ficam os governantes dos governados sem que todavia nos seus intervallos estes possam deixar de respeitar aquelles, são o mais poderoso estorvo ás ambições e oppressões dos governantes que dentro em breve se podem vêr sem as immunidades e a influencia que os levavam a desrespeitar a lei.

Isto sob o ponto de vista das liberdades e direitos civicos.

Por o lado economico, não é pela taxa do imposto que se avalia o estado economico e financeiro d'um paiz. Se a taxa é elevada mas os beneficios recebidos correspondem ao sacrificio dos contribuintes, se os impostos voltam rapidamente ao ponto de sahida por meio d'uma circulação bem equilibrada e rapida, tudo vae bem. Se, porém, embora a taxa seja pequena, uns contribuem e outros consomem, estabelece-se fatalmente o desequilibrio financeiro. Quanto maior é a distancia do povo ao governo, diz I. S. Rousseau, mais oneroso são os tributos.

Na democracia popular o encargo é minimo, na monarchia é maximo. A monarchia, diz elle, só convém ás nações opulentas, e só a democracia convém aos estados pequenos e pobres.

Um defeito inevitavel n'aquella e que a colloca n'um plano inferior a esta, continúa, é que na republica a opinião publica quasi nunca eleva aos primeiros logares senão homens esclarecidos e capazes de os desempenharem com honra; emquanto que na monarchia quem os conquista são em geral os velhacos, aduladores, pequenos intrigantes, que n'esses logares revelam ao publico a sua inepcia logo que começam a desempenhal-os.

E se é certo que é possivel, como excepção, encontrar quem na monarchia desempenhe o seu logar por fórma a contradizer as palavras de Rousseau, não é menos certo que mais ha a esperar da escolha livre da opinião publica do que de que muitas vezes tem como melhor criterio a sympathia que uma baixa adulação causou.

Mas o primeiro logar do paiz nem d'isto necessita; herda-se! E o curioso é que o filho d'um simples guardador de cabras, não herda o direito de continuar a guial-as á pastagem; isso é exclusivo dos guardadores e guias... dos povos.

E' a tal *hereditariedade!*

Mas que significa este largo vocabulo no direito das gentes?

Ides vêl-o. Não que eu o descreva mas por mim o fará alguem. Abramos um delicioso livro, especie d'armazem de carapuças talhadas em que cada um de nós encontrará o que lhe sirva—O livro dos Snobs—

Falla-se da livre e *monarquica* Inglaterra:

«Um homem torna-se collossalmente rico. Agarrado a um ministro d'estado consagra-se com vantagem a mil tranquibernias; ganha uma batalha, conclue um tratado ou, como legista habil sabe arrecadar gordos honorarios e assim achar o caminho do banco da Rainha: o paiz recompensa-o concedendo-lhe uma corôa d'ouro, realçada com maior ou menor numero de folhas e florões e cimenta-o ainda em cima com titulos e dignidades que convém a um legislador.

São grandes os vossos merecimentos diz a nação, e tão grandes que os vossos filhos hão de sêr chamados pela sua parte a reinar sobre nós. Quem se lembraria de suppôr um só instante que o vosso filho primogenito possa ser um imbecil? Temos os vossos serviços na conta de tão consideraveis que queremos que as vossas honras sejam revestidas sobre a cabeça d'elles quando a morte fizer o vacuo nos vossos nobres sapatos. Queremos que n'este feliz paiz haja uma casta previlegiada a qual pertença em toda a parte o primeiro logar, as melhores fatias e as boas postas nos favores e nos pequenos traficos do governo. Não podemos fazer pares todos os vossos filhos porque isso tornaria o Pariato excessivamente commum e atulharia d'um modo incommodo a Camara dos Lords. Mas os vossos filhos segundos farão uma limpeza de todos os logares. Terão aos 19 annos patentes de capitão ou tenente-coronel, dar-se-lhes ha navios a commandar aos 21 annos; terão debaixo das suas ordens veteranos que já tinham entrado em fogo quando elles ainda nem mesmo tinham entrado no mundo.

Mais adeante: «Declara a nossa admiravel Constituição que estes premios vos são devidos, sem attender á vossa toleima, aos vossos vicios e ao vosso egoismo, nem tão pouco á vossa total incapacidade e idiotismo. Tolo como podeis sêr, e não temos o minimo direito de suppôr que não sois um perfeito jumento como não podemos negar a outra proposição relativa ao vosso esclarecido patriotismo, tolo como podeis sêr, a ninguem será licito accusar-vos de o sêrdes a tal ponto que vejaes com indifferença os favores que a sorte vos dispensou ou que sintaes desejos de os abandonar».

Eis o que é hereditariedade.

A palavra — Republica — já não é, porém, entre nós, como por muito tempo foi, o synonimo d'anarchia, de desordem, d'esbanjamento. Preconisando a liberdade sem licenciosidade, a egualdade perante a lei, e a fraternidade que deriva naturalmente da pratica d'aquelles dois principios, da consequente communhão d'interesses e do mutuo respeito por as opiniões pessoaes, a Republica é em theoria—*confessam-n'o os monarchicos* — a ideal fórma de governo d'um povo.

E tanto assim a consideram que os partidos mais conservadôres incluem nos seus programmas a *democratisação* da monarchia que, elles promettem, garantirá a maxima liberdade, a egualdade e todas as vantagens da Republica; pudessem elles cumprir os seus programmas!!

(*Continúa*).

Toribio.

ECOS DA SEMANA

Balanço parlamentar

Quatro mezes durou a sessão parlamentar da camara dos deputados, e agora, que está com taipais S. Bento, afadigam-se os inimigos do parlamento a contestar a sua utilidade; e a demonstrar que foi inutil a obra parlamentar.

Não mentem, na verdade, mas o que é injustificavel é a conclusão que pretendem. O parlamento nada fez por mizeria ou por indolencia do governo, e das maiorias; — nunca encontrou oposição mais jeneroza, mais apta para trabalhar, mais sinceramente dispósta a cuidar dos interesses publicos. Mas aqueles que são a força, porque são o numero, só versaram com certo interesse as questiunculas de rejedoria e os interesses de meia duzia de goliardos com sorte. O parlamento foi um esteril torneio,—nem se aboliram as leis de exceção, nem se deu satisfação aos sentimentos nacionaes, nem questões como a da lista civil e adeantamentos, como o orçamento, como a legislação sobre os vinhos, foram pelas maiorias tratadas com aquele espirito de retidão, de clarividencia e de independencia, que se requerem nessas assembleas:—para que o tempo que gastam se torne efectivo e util. Ah! o mal não é o parlamento, instituição que, como existe, é sobejamente pernicioza, mas que todavia, assim mesmo, é preferivel ás ditaduras. O mal é a falencia governativa, e o avultado numero de paes da patria; — incompetentes ou indignos.

Cherchez lá femme, queremos nós dizer... o regime.

O Brazil

Ao fim de dezoito anos de republica, o Brazil, dá ao mundo culto o espectaculo da sua exposição brilhante que constitue, ao prezente, uma das melhores *great-atractiones* cosmopolitas. Ali, o europeu, vê admirado que a terra de Santa Cruz já não é o paraizo lendario da preguiça e da estagnação que havia sido no imperio.

Uma raça completamente nova, robusta, creada em instituições de liberdade, de ordem e de progresso, realiza maravilhas como a do saneamento e embelezamento do Rio, hoje uma das primeiras capitaes do mundo.

A republica tem modificado por completo o extensissimo paiz, fez do Brazil uma das fortes e grandes nações do mundo, impulsionou poderozamente a sua agricultura e a sua industria, saldou com um positivo solido o desiquilibrio economico, empreendeu grandiozos trabalhos publicos, desenvolveu e melhorou rasgadamente a instrucção; e todo esse valioso trabalho ativo em pouco mais de dez anos; o periodo de tempo volvido, não tormentozo, que se seguiu á derrocada das aspirações monarquistas. Eis o que em toda a parte, salvo as exceções naturaes, é a obra civilizatoria e enobrecedora da republica, na Europa como na America correspondendo á diviza:—Ordem, Liberdade, Progresso.

As Passarolas

Passarola, chamou-se ao primeiro engenho destinado á conquista do ar, e o seu chacoteado inventor foi um portuguez. Aos descendentes, na aspiração, do tôsco invento primitivo, tecnicamente lhes dão o nome de:—aeronaves, aeroplanos; e é um destes ultimos vehiculos o que um operario de Bilbau anuncia como a definitiva, aeronautica obra. Talvez um pouco de exajeração biscainha, sendo já hoje fóra de duvida que, esse ou outro modificadôr, triunfarão por completo das lacunas da balonistica.

Só o que é pena, é arrumarem para o lado a designação primitiva, de um belo antigo carateristico... A *Passarola*, não era tão lindo nome?!

ARA

Consulta

Chamei em volta do meu frio leito
as memorias melhores de outra edade,
formas vagas que ás noites, com piedade,
se inclinam, a espreitar, sobre o meu peito...

E disse-lhes:— no mundo imenso e estreito,
valia a pena, acaso, em anciedade
ter nascido? dizei-mo com verdade,
pobres memorias que eu ao seio estreito.

Mas elas perturbaram-se— coitadas!
E empalideceram, contristadas,
ainda a mais feliz, a mais serena...

E cada uma d'elas, lentamente
com um sorrizo morbido, punjente,
me respondeu:—Não, não valia a pena!

Antero do Quental.

Interesses municipaes

O Furadouro

Não julgue a camara, que temos a ingenua pretensão de nos fazer ouvir e attender, pois estamos convencidos da completa surdez, já *agora* incuravel, que a affecta para tudo o que não seja o *ramerrão*.

Se continuamos na nossa campanha a favor do fomento municipal,

aliás trivial em outras municipalidades mais felizes, embora menos importantes, é porque não queremos que o nosso silencio se torne cumplice da tacanha administração que se faz.

Escusa a camara de dar-se ao incommodo, porque já o sabemos, de nos dizer, que o orçamento é exiguo e não chega para estender por sobre as ruas da nossa praia uma meia duzia de carros de saibro, assim como que não tem verba para mandar fazer uns metros de empedramento n'uma das travessas mais central.

Póde tambem dispensar-se de nos ensinar, que não está nas suas attribuições impedir, que passeiem em agradavel *flirt* pelas ruas da praia os venturosos suinos e acamaradem em ameno convivio com os banhistas a attentar o seu e o nosso estado de adeantada civilisação. Tambem não vale a pena lembrar os aromas *agradabilissimos* e *saluberrimos*, que exhalam os montes e carros de *escaço*, accumulados em qualquer sitio uns, transitando a qualquer hora do dia os outros.

Que importa que a praia seja de cada vez menos concorrida, mercê da falta de commodidades e, o que mais é, graças á mais completa carencia de limpeza? Quem se não sentir bem, que não volte ou se retire!

A natureza dotou a com qualidades e attractivos, que poucas possuem: deu-lhe um largo areal e vastos horisontes, approximou-lhe a dois kilometros a inapreciavel ria d'Aveiro, orlou a de campos, onde abunda a codorniz e mattas, onde se não exgotta a caça de pêllo, mas os homens apostaram-se em contrariar a natureza! Os que tem tido a seu cargo a gestão municipal atiraram-n'a ao mais vergonhoso desmazelo e a iniciativa particular acha-se recolhida ao mais baixo, sordido e até estupido egoismo, tratando simplesmente de explorar os banhistas sem lhe dar om troca o conforto e as commodidades, de que necessitam e a que tem direito.

Assim a frequencia diminue, reduzindo se á *prata da casa*, pois ao *chiqueiro* só se adapta, quem adquiriu longo habito de n'elle viver.

Depois d'isto não sei para que a surpreza do debandar dos forasteiros, para onde encontrarem mais aceio, commodidades e *cortezia*, graças a uma melhor comprehensão dos interesses locaes.

Por devaneio de optimista phantasia, que poz oculos côr de rosa e sonha grandezas para este pobre burgo, cruza-nos por diante da vista a terraplanagem, *ensaibragem* e arborisação dos passeios lateraes da entrada do Furadouro ao Carregal, escolhendo-se plantas proprias, que as ha, e estabelecendo-se *rigorosa* fiscalisação. Mas, perdão!, desculpem a *tonteria* ao nosso delirio de grandezas; somos incorrigiveis em pedir *jardins e avenidas*, quando o *cisco* é necessario á fome da pobreza concelhia.

Fabio Cunctator

P. S. Ainda mesmo correndo o perigo de exacerbar a *paranoia*, que martyrisa o articulista do «Assumpto local» por causa da nossa critica imparcial e despreocupada, que se afigura *perseguição*, não podemos deixar de mostrar mais uma vez, embora com grande magua, a *nossa má vontade* contra defezas retorcidas, continuando a discutir os actos camararios, com que não nos julgamos obrigados a concordar e a requerer outros, que crêmos de interesse para o municipio. Sentimos ter de desistir de fazer enveredar o nosso antagonista por outro caminho, que não seja o *fugir de responder ao que não convem*, torcer o sentido do nosso pensamento, tirando illações, que logicamente se não contem no que escrevemos, fingir não perceber a ironia de certos dos nossos periodos, não obstante a transparencia, só para concluir em sentido contrario ao que queremos, em summa pura diabetica jesuitica com todos os seus defeitos e sem a sua habilidade. E' que o articulista não tenha outros recursos intellectuaes? Seria o unico motivo de desculpa, se não estivesse provado o contrario.

N'estas condições vêmo-nos constrangido a *repisar* materia já controvertida.

Ao contrario do que diz o *Jornal d'Ovar* louvamos—foi o termo—a camara pela arrematação das *aguas sobejas*, discordando apenas do modo como foram alienadas e da alienação das dos chafarizes da villa por as julgarmos necessarias para *mictorios*. Perguntamos e reiteramos a pergunta: porque se não puzeram em arrematação os *sobejos da mina*, que são os mais abundantes e portanto os que devem render mais?

Quanto á *prestação de trabalho*, não acreditamos que o articulista esteja *a sério* no assumpto. Para que se possa cobrar este imposto é necessario organisar *annualmente* um *arrolamento* por freguezias *das pessoas e coisas*, que a elle estão sujeitos, publical-o e *affixar editaes*, para avisar as pessoas interessadas a reclamar contra a indevida inscripção perante a camara ou, mais tarde, a recorrer perante a commissão districtal. Far-se-hão tambem e *annualmente* as tarifas da conversão da prestação de trabalho a dinheiro, que acompanharão o orçamento, etc. Tem-se feito isto em Ovar? Então onde a legitimidade da cobrança do imposto?

Para terminar estas perguntas: porque se abandonaram cincoenta e dois mil réis (52$000 réis) que rendiam os apanhadiços do Furadouro? porque se não organisa o imposto de piso, tendo como condição de viabilidade a creação de um mercado? Por hoje só estas.

F. C.

O SOL

Um pouco de historia e de astronomia

Agora, que tantos de vós, leitores, ou na vida do litoral gosando a climatolojia das praias, ou no campo espectadores da faina viva das colheitas, tantas vezes assistireis ao nascêr e ao pôr do sol, — dois espectaculos de feéria, de arroubo e de sublime poesia, não nos será descabido lijeiras e simples notas sobre o que seja o claro astro do dia, astronomicamente e nas relações humanas.

Nos inicios da vida *humana* devia sêr prodijioza a influencia solar sobre os movimentos e ideas das sociedades, ainda mal em esboço; essa influencia desconhecemol-a, precizamente como a quase tudo o que diz respeito ao viver do homem lacustre, do troglodita; ou ainda dos antepassados remotos alalos e frujivoros. Sabemos, porém, que mais tarde, em civilisações já brilhantes de ha milhares d'anos, o sol é o Deus: *Deva* dos Vedas, *aquele que ilumina; Theos* e *Jove* dos gregos e dos latinos; *Baal* e o *Adonai* semitas a que aludem, ciozamente, os livros santos hebraicos. Mithra, o famozo deus dos iranianos, (antigos persas) era um enjenhozo culto solar; *Phrá* o deus-sol ejipcio era altamente adorado em Memphis, cidade que denominaram, Heliopolis, por sêr consagrada ao sol.

As primitivas relijiões indús, jermanicas, e as dos incas pernanos, como tantas outras teogonias, são heliolatrias estremes: — isto é, são o culto do deus solar.

O mesmo cristianismo contem restos de *solarismo*, disfarçado por entre as pregas do dogmatismo teolojico; e todas as relijiões os contem, fragmentos das velhas crenças associados por automatismo inconsciente, ou por similaridade etica, ás mais modernas creações do fundo ideal relijiozo. O homem antigo, pastôr, lavrador, guerreiro, vivia na dependencia directa e rude da natureza; assim o sol impressionava-o constantemente tornando-se o alvo das suas cojitações, e o senhorio dos seus destinos. D'ahi, a similitude naturalista na crença da divindade solar, os cultos, as liturjias, as grandes festas honorificas pelos solsticios e pelo equinocio da primavera. Os que hoje veem, com desprevenida indiferença ou apenas por sentimento do belo nascer e o ocazo do sol, não imajinam as ceremonias grandiozas, de absoluto valôr moral, que dia a dia taes acontecimentos exijiriam; não teem do sol, da sua luz, do seu influcso, aquele supersticiozo respeito, tão candorozamente panteista, dos ignorantes antigos. Na Grecia, e em Roma, como al áz, nas civilisações anteriores, o sol julgavam-o jirando ao redór da terra que os sabios d'então, quase todos, acreditavam imovel. Supunha-se o deus sol, *Helios*, percorrendo diariamente sobre um carro puxado a corceis a aboboda celeste, e era para detraz da Colchida, no oriente, que *Apolo*, tinha um maravilhozo palacio para repouzo noturno. A ideia jeral, da rotação do sol na ecliptica, base do sistema cosmolojico de Potelomeu, conservou-se obstinadamente até ás descobertas de Copernico, de Galileu e de Newton; essa teoria *jeocentrica* apadrinhava-a a Egreja, á qual de modo nenhum convinha a teoria da terra jirando em torno do sol.

*

O sol não é um deus, nem se move no circulo da terra ficsa, é um corpo celeste, centro de um sistema plenetario que (pelo mecanismo da atração) jira na sua orbita de gravidade, e talvez não seja o sol, rigorozamente, o proprio centro do sistema; ponto ideal que determina a harmonia de gravitação dos planetas. Não é imovel, é animado do duplo movimento de rotação e de translação; a rotação do sol faz-se sobre o seu eixo vinte e cinco vezes e meia mais devagar que a da terra; a translação, ou movimento de avance, faz-se com a velocidade quase dupla da que tem o nosso planeta.

A distancia á terra é a que a luz gasta para chegar até aqui, leva 8 minutos do sol á terra, com a velocidade de marcha de 18 milhões de kilometros por minuto.

Em volume, o sol, vale por um milhão de vezes a terra, e a sua grandeza é ainda maior dez mil vezes que o nosso planeta, sendo a densidade do sol a quarta parte da densidade terraquea. Isto é devido ao pezo especifico da massa, a terra é composta de materiaes do pezo do granito, o sol de materiaes do pezo do carvão; é portanto a massa solar mais ligeira, ou de maior divizão molecolar. Isto pôsto, e com a leveza d'artigo para um pequeno jornal, o que é afinal o sol, — essa maravilhoza fonte de luz, de calôr e vida? Qual é a sua natureza, d'onde provem, que calôr e que lúz nos dá, e o que é o calor?

Questões do ignoto, misterio que só Deus conhece dirão, sem reparo, os crentes. Não se sabe tudo, e do sol, como de todas as coizas, fica-nos sempre na sombra a insoluvel orijem, a causa primaria e ultima, mas não saber tudo não equivale a nada saber, e até a tudo, racionalmente, supôr.

A analize espectroscopica, a *linguajem da luz*, diz-nos que o sol é um corpo solido, constituido por elementos da natureza dos da terra, que os corpos seus componentes são o ferro, o aluminio, o cobre, o chumbo, o hidrojenio, o zinco e ainda outros; em suma diz-nos que a massa sollar é da mesma composição que a da terra.

E' um corpo solido brilhante incandescente até ao rubro branco, e é rodeado de uma atmosfera a *fotosfera*, — mar luminozo de gazes, de vapôres, de nuvens, em prodijiozo movimento de atividades e ajitações. Nessa fotosfera ha massas gazozas que chegam a exceder de oito vezes o nosso mundo terreno, ha protuberancias, esplendido fenomeno de jactos luminozos, ha as lutas dos elementos do interior e da atmosfera, e graças a taes fenomenos é que dedutivamente se explicam as curiozas manchas solares. Por sobre a fotosfera nova atmosfera se estende, a *cromosfera*, quase totalmente composta de hidrojenio incandescente e de vapores de metaes lijeiros; e ainda mais externamente terceira camada cerca o envolucro do sol, — a *corôa;* vizivel, á vista, nos eclipces totaes; e cuja rara beleza, em Ovar ainda recordam. Resumindo: — o sol é um nucleo solido (ou liquido) em incandescencia, e envolvem no trez atmosferas gazozas, sobrepostas e continuas; — a *fotosfera*, a *cromosfera*, a *corôa*.

O corpo solar vem de uma imensa nebuloza que, condensando-se, foi fracionada no sol e nos planetas que lhe pertencem. A condensação e formação do sol calcula-se, por indução, e em centos de milhões d'anos, e continua, nos nossos dias, o seu processo de evolução condensadora. O calôr que o corpo solar irradia no espaço, é tal, que se calcula nós recebermos apenas a 2300 milionesima parte; a temperatura no nucleo é de, pelos menos, uns cinco milhões de graus.

Pela irradiação o sol vae, gradualmente, diminuindo de calôr, todavia o processo de redução da massa, a queda de corpos extranhos, e talvez, fenomenos ainda desconhecidos, provocando renovamentos caloricos corrijem, em parte a perda.

O que é certo, ou pelo menos muito provavel, é que o sol arrefecerá, perderá a luminescencia, deixará de sêr o astro creador do dia. Mas quando soar a tal hora não haverá, desde ha muito, nenhum sêr vivo na terra: — nós morreremos milhares d'anos antes do sol.

Mas esse calôr; fonte de luz, fonte de vida, orijem de afenidades quimicas, eletricas e magneticas, esse calôr que amadurece os nossos campos de milho, que sazona os nossos fructos e provoca as precipitações aquozas, a que o deve o corpo solar? Ao estado de incandescencia do astro, ao equivalente da condensação molecular, transformando o trabalho de agregação atonica em calôr, á queda de meteoritos no sol; ao trabalho quimico da substancia na parte relativamente fria da crosta, um tanto solidificada; e talvez a um corpo extranho, a um sol distante, cujas emissões de calorico incidem sobre o nosso sol, — dizem, ainda, alguns sabios. Do calôr nasce a luz, que é simplesmente modalidade dos raios calorificos, — do calôr a eletricidade, o magnetismo, duas maravilhozas dispozições da afinidade atonistica que, ao investigador cientifico, oferecem campo larguissimo de descobertas e de revoluções no saber; milhares de aplicações ignoradas, extraordinarias, que transformarão por completo, com o tempo, as condições da ixistencia humana; — que é tambem a obra do sol—do qual nós somos os filhos!

CHRONICA AGRICOLA

XV

Vinicultura—fabrico do vinho

Terminada a piza devemos fiscalisar o mosto. A primeira couza a fazer é vêr a sua graduação gleucometrica de que se deve tomar nota.

Passadas 6 a 12 horas, em condicções normaes, começa a fermentação que encontra as mais favoraveis circunstancias quando a temperatura é de 20 a 25 gráus; entre 15 e 35 gráus ainda se exerce com vigôr; abaixo de 9 ou acima de 60 paralisa-se. N'este caso convém se o defeito é da baixa temperatura aquecer o ambiente e dar o escaldão, se da excessiva, arejar a casa e empregar todos os meios para a diminuir. O excesso d'alcool faz tambem amuar a fermentação. Os mostos muito doces (que portanto vem a dar vinhos muito alcoolicos) chegam a amuar logo que produzem 15 ou 16 gráus d'alcool; n'este caso tem de se lhe deitar a agua sufficiente para diminuir aquelle o que não representa uma fraude mas sim uma necessidade do fabrico. As geropigas ou vinhos abafados obtêem-se assim; evita-se a fermentação do mosto addicionando-lhe alcool.

Ha varios processos de fabrico de vinho— *bica aberta, feitoria, curtimenta, maceração*, etc.

O primeiro consiste em pizar as uvas com a bica do lagar aberta e recebendo o mosto n'uma outra vasilha onde fermenta sem estar em contacto com o engace nem com a pellicula da uva. Conhecidos como estão por a chronica anterior quaes os principios existentes n'elles, vê-se logo que os vinhos assim fabricados hão-de ter pouco tannino e pouca côr. E' o processo mais usado para os vinhos brancos, sobretudo quando elle se faz d'uvas tintas cuja côr está como se sabe na pellicula. Em Ovar *não convém o emprego d'este processo* mesmo para os vinhos brancos já de si pobres em tannino e que assim fabricados e ficando ainda mais pobres d'elle, limpam e conservam-se com muita difficuldade por serem tambem de baixa graduação alcoolica.

O processo de *feitoria*, usado geralmente no Douro, consiste em prolongar a pisa feita com muitos homens, até a fermentação tumultuosa ser muito energica. A de *curtimenta* consiste em lhe não dar sóva na pisa mas deixar terminar quasi a fermentação tumultuosa em contacto com a balsa. O de *maceração* consiste em conservar o vinho durante muito tempo (um a dois mezes) em contacto com a balsa. Este processo é usado quasi exclusivamente no Alemtejo onde se torna necessario pôr a extrema doçura da uva e afim de dar travo ao vinho. Quando a pisa é menos intensa ou o mosto ferve com uma parte da balsa apenas, chama-

e respectivamente *meia-feitoria* e *meia-curtimenta*.

No meu entender o processo de *curtimenta* ou *meia-curtimenta* é que convém aos nossos vinhos que, —repito—por pouco alcoolicos necessitam de tannino para se conservarem.

O mosto deve ferver com o bagaço até que o gleucometro attinga 0, indo depois para o tonel terminar a fermentação. Se as uvas não estão bem maduras ou são pouco doces póde demorar-se menos a curtimenta.

Não é indifferente fabricar o vinho no lagar ou em dorna ou balseiro.

No lagar o contacto com o ar é maximo e tambem a evaporação é sempre menos elevada a temperatura; convém portanto aos mostos muito sacharinos que precisam de muito arejados; a dorna é uma vasilha de madeira cujo fundo é mais estreito que a bocca ao contrario do balseiro em que esta é mais estreita do que aquelle. E' n'este que se dá a menor evaporação e menor arejamento convindo portanto mais aos mostos mais pobres d'assucar. E' tambem no balseiro que melhor se fabrica de *curtimenta*, convindo não os encher completamente, mas sim de fórma que quando a balsa subir haja um certo espaço até ao bôrdo do balseiro. Ahi se junta uma camada de gaz carbonico que é mais densa que o ar e porque é irrespiravel não deixa desenvolver-se na balsa qualquer fermento nocivo; porque já disse que os fermentos são organismos vivos e como taes é-lhes indispensavel ar para viver.

Resta-me aconselhar as maiores precauções para garantia da vida dos trabalhadores; não poucas vidas tem custado os descuidos. *Todo o cuidado é pouco.* O gaz carbonico asphyxeia rapidamente causando a morte.

Em geral perturba o trabalhador que o aspira e que caindo encontra a morte por muito rapidos que sejam os socorros. Convém não construir balseiras ou dornas mais altas do que um homem nem tão pouco depois de tirado o vinho deve tirar-se a balsa, sem ter renovado o ar dentro da vasilha. Não deve dormir ninguem na casa onde se fabrica o vinho se não houver muita ventilação, porque sendo, como já disse, o gaz carbonico mais pesado que o ar e junto do chão que ha maior camada; e assim um homem deitado, corre maior perigo do que de pé. Já se tem notado junto dos lagares graves perturbações e accidentes em cães sem que as pessoas sintam o mais ligeiro incommodo.

Se não se puder ventilar a casa devem empregar-se celhas com cal onde elle se fixa (carbonato calcareo).

***

Dr. Bernardino Machado

O jornalismo reaccionario anda ás voltas com o dr. Bernardino Machado, transcrevendo com a lealdade que os caracterisa *pedaços* dos seus artigos no *Instituto*, porque lhe não *convem* a transcripção completa. O illustre democrata podia hoje condemnar a monarchia, apezar de a ter defendido, sem desdouro para o seu caracter, mas parece que *ainda* monarchico já tinha sentimentos republicanos, como se vê do seguinte artigo exarado no supracitado jornal:

E quantos são os que em Portugal crêem na monarchia? Quem está convencido de que ella se preocupa devotadamente com os graves problemas da vida nacional? O rei faz sondagens no nosso mar? transporta para a té'a scenas da nossa terra e dos nossos rios? Diverte-se! diz o povo. Monta a cavalo? barqueia? entrega-se a qualquer *sport* civico? Agora é que elle vae satisfeito! dizem os politicos dirigentes.

Porque esta falta de confiança? E' talvez por causa da indifferença politica, que não é o mesmo que neutralidade partidaria, da familia reinante. Na vida publica, a todos recebe e trata e esquece e abandona egualmente. E essa indifferença nas senhoras será excesso de retrahimento, mas no rei parece desapego pela nação. Dir-se-hia mesmo desdem de morgado, e que o chefe de Estado só sae d'essa indifferença pela veleidade despotica de querer affirmar o seu arbitrio soberano, condecorando com as suas boas graças e elevando até á suprema auctoridade ministerial creaturas impopulares.

Será um equivoco?

Diz-se que o povo não sabe eleger. E o rei? quem são os seus eleitos? Ou não se vêem, ou antes ás vezes não se imaginassem. E está claro que a todos, ao rei pelo menos tanto como ao povo, corre o dever de manifestar as suas preferencias moraes pelos bons. Não quer isto dizer que o chefe do Estado tenha um partido, mas que em cada partido dê a sua força aos que a merecem. Para isso é que é a coragem. E reconheço que não é precisa pouca.

A exploração que as clientelas fazem da monarchia, encobri-la-hão os seus chefes, que mesmo assim se vê que estão com ella no Estado, porque a monarchia ainda ahi é uma força, como estão com a republica em qualquer concelho onde a não tenha a monarchia, e que, para aliciar pessoalmente os republicanos, não duvidam, se elles se lhes mostram dedicados, ir repartindo com elles o poder e orçamento pela sua collocação em postos de confiança; mas onde essa exploração resalta ás claras, é na linguagem licenciosa, dos subalternos, que, bem medrados em favores, membros de partidos que, de vez em quando põem taboleta e reclamo de partidos do rei, dizem á boca cheia, sublinhando-o em toada ironica, que conhecem bem os seus chefes, a quem são gratos, mas que não *teem a honra* de conhecer senão de nome o rei.

Os grandes, os chefes, não devem estar magestaticamente á espera de que os procurem. Arriscam-se a ser procurados só por quem não tem pejo. Ha um legitimo pundonor que é mister respeitar.

Lembro-me de que no meu tempo de estudante os lentes, com raras excepções, não nos falavam, não se importavam comnosco, e nós tinhamos tambem o nosso orgulhosinho de não nos importarmos com elles.

Em Portugal, quatro leis eleitoraes em pouco mais de quatro annos, e até duas, diametralmente opostas, da iniciativa do mesmo partido dentro de um anno! E' verdade que nenhuma merece o nome de lei. E dizem que o governo democratico é que é versatil.

Atlantismo

Impressões imprevistas

Plena vida de praias.

Aragem tepida e salina.

Pulmões em avidêz d'absorção d'um reconfortante e puro oxigenio.

E' desusado o movimento pelas vias redusidas e largas estradas furadourenses.

Numerosos grupos de cativantes e sedutoras mulheres á mistura com garbosos e desempenados cavalheiros, passeiam ao longo da principal estrada praiense num convivio de encantadora alacridade e sugestivo regalo.

Hemos de confessar: esteve o Furadouro, praia bosquejada em antigas e modernissimas cronicas, esteve, Deus meu! quasi a resvalar para o anonimato do abismo, para a treva infernal dantesca e temerosa, mas—*surge et ambula!*—renasceu como a estafada e... velha Fenix das cinzas fotofobicas e que pretendiam cegal-a. Ainda bem! Amerceou-se o Eterno da minha doce amiga d'infancia e adolescencia e... eil-a hoje risonha, engrinaldada e linda, que nem donzela toucada de flores, arquejante e ancíosa, á espera do seu eleito e com quem unir-se!

Até o mar, até esse Ciclope alteroso, parece, dis-m'o a sua fisionomia, o seu dorso ondeante e multicôr—regosijar-se, orgulhar-se, dos mimos da praia, dos seus recreios, da sua vida agitada, dos descantes e danças que o seu largo litoral tão alegremente contempla!

Até o mar e... nós!

Furadouro, velho amigo, eras um doente condenado pela... siencia, pela medicina concelhía e saes-me, surges-me da tua apatia d'essa anestesia terrifica, como vinhêdo *mildioso* após aplicações de calda bordalêsa!

Eu te saúdo. Segue intemerato o teu Largo Caminho e... um apêrto de mão!

Ovar, 7 de setembro.

Tomé da Herdade.

NOTICIARIO

Dia a Dia

No dia 12 completa 11 primavas a gentil vareirinha Elisa de Magalhães Carrelhas e respectivamente nos dias 13, 15 e 16 passam seus anniversarios natalicios os nossos amigos Angelo Zagallo de Lima, Antonio Carmindo de Souza Lamy e Ernesto Augusto Zagallo de Lima.

As nossas felicitações.

—Acompanhado de sua esposa partiu no dia 4 para Entre os Rios, afim de fazer uso das respectivas aguas, o sr. dr. José Luciano Corrêa de Bastos Pina, illustre delegado do Ministerio Publico da comarca.

—Com o mesmo fim tambem alli se encontra a sr.ª D. Gracinda Augusta Marques dos Santos, digna professora official d'esta villa.

—Encontra-se entre nós com sua esposa o nosso presado amigo dr. Antonio Emilio Rodrigues Aleixo.

—Passa bastante incommodada da saude a sr.ª Graça Carrelhas, esposa do sr. Manoel Rodrigues Aleixo. Desejamos as suas melhoras.

—Entrou em franca convalescença, o que nos apraz registar, a menina Emilia d'Oliveira Gomes, sympathica irmã dos nossos amigos Manoel e José Bonifacio.

—Esteve terça-feira n'esta villa, onde veio de visita a sua familia, regressando já á capital, o nosso conterraneo e distincto jornalista, Francisco Carrelhas.

—Em companhia de sua gentil filha, partiu hontem para o Gerez o sr. dr. Antonio Pereira da Cunha e Costa.

—Tambem para alli seguiu na segunda feira o parocho d'esta freguezia sr. dr. Alberto d'Oliveira e Cunha.

—Regressa hoje de Sabrosa, onde foi de visita a seu irmão, o sr. Joaquim Ferreira da Silva, bemquisto com-proprietario da *Havaneza Ovarense*.

—Para o Rio de Janeiro partiu na ultima segunda feira o menino José Ribeiro França, sobrinho do nosso amigo e correligionario sr. Antonio da Cunha e Silva.

Muitas felicidades.

—Partiu segunda feira para Braga o nosso estimado amigo João Evangelista Nunes da Silva.

—Com sua familia chegaram a esta villa no principio da semana os snrs. Antonio Rodrigues Aleixo e João Rodrigues Aleixo.

—Partiram ultimamente para o Furadouro com suas familias os snrs. dr. Antonio dos Santos Sobreira, Eduardo Ferraz d'Abreu, Antonio Augusto Freire de Liz, Frederico Abragão, dr. José Antonio d'Almeida, Belmiro Duarte Silva, Manoel André d'Oliveira Junior, dr. João Maria Lopes, D. Julia Huet, D. Maria da Conceição e D. Angelina Fonseca, Antonio Valente Compadre, Antonio Maria Santiago, Antonio Marques Branco, José Figueiredo, Alfredo Rodrigues de Pinho, familia Manoel Dias de Carvalho, João Bernardino d'Oliveira Gomes e João d'Oliveira de Pinho.

—Por noticias recebidas do Funchal, sabemos ter feito uma optima viagem até á Madeira o nosso apreciavel amigo e patricio tenente Zeferino Ferraz.

—Chega hoje de Lisboa, o snr. Polycarpo Nunes Henriques.

Tenente Belmiro

Um pouco abalado da saude, chegou no dia 5 a esta villa, de regreso da Guiné, o nosso illustre conterraneo e amigo Belmiro Ernesto Duarte Silva, distincto tenente do exercito ultramarino.

Mal chegou a Lisboa, a este nosso amigo, que uma vez mais se distinguiu pelos seus actos de heroismo e bravura nas ultimas campanhas de Guiné, foi concedida pela benemerita sociedade da Cruz Vermelha uma medalha por serviços prestados aos feridos em combate com prejuizo da propria vida.

Desejando ao brioso official o seu completo restabelecimento, renovamos o nosso abraço de boas vindas.

Festa do mar

Está definitivamente assente que temos este anno na praia do Furadouro a antiga e grandiosa romaria do Senhor da Piedade, mais vulgarmente conhecida entre nós por *festa do mar*, a qual se levará a effeito nos dias 26, 27 e 28 do corrente mez.

Esta festa, uma das mais importantes e concorridas da beira mar, pelo menos no districto d'Aveiro, promette ser revestida de grande pompa, pois para isso muito se esforça a commissão promotora, que, para a realisação d'esses seus projectos, é coadjuvada pelas emprezas de pesca em exercicio n'aquella praia.

Em tempo competente daremos o respectivo programma.

S. Paio

Notou-se este anno pequena concorrencia de forasteiros e pouca animação, tanto á ida como á volta na passagem por esta villa para a conhecida romaria de S. Paio, que ante-hontem se realisou na visinha costa da Torreira.

Desastre

No dia 3 de manhã, foi em Vallega colhido pela roda d'um carro de bois pertencente ao snr. Manoel José da Silva Mattos, o menor Albino, filho de Antonio Marques, do logar da Regedoura, fracturando o femur na altura do terço superior da coxa direita.

Recolhido ao hospital, foi-lhe feita a reducção e applicado um aparelho d'extensão continua.

Roubos

No dia 3, de tarde, João da Silva Loureiro, solteiro, de 23 annos, que se achava ao serviço da padaria do snr. José Maria Dias de Rezende, considerado industrial d'esta villa, roubou a seu amo, pondo-se em seguida em fuga, os seguintes objectos e valores: uma corrente d'ouro com uma libra por medalha, um relogio de prata, uma bolsa de prata, um alfinete d'ouro, um casaco de casimira e 10$000 réis em dinheiro.

O facto foi communicado á administração do concelho.

—Na noite de terça-feira para quarta-feira foi roubado, por meio d'arrombamento, o pequeno estabelecimento de mercearia pertencente ao sr. José Fernandes Villa, na rua das Figueiras.

Os auctores d'este audacioso roubo, para pôrem em pratica os seus condemnaveis intentos, serviram-se da broca, perfurando habilmente com grossa pua a porta na altura da fechadura, que d'essa fórma foi arrancada, e na parte inferior, junto ao gancho.

Uma vez senhores do estabelecimento, roubaram todo o dinheiro que existia nas gavetas e que o roubado calcula em 8$000 réis, deixando intactos os generos existentes na mercearia.

Este roubo afigura-se-nos grave, não pelo valor subtraido, mas pela maneira como foi perpetrado, isto é por ser n'uma rua central, em noite de luar e em casa de pouca importancia commercial, em que de noite não fica ninguem.

Ignoram-se os auctores; e para se evitar sobresaltos futuros, urge que a auctoridade administrativa proceda a uma rigorosa investigação.

A segurança publica assim o reclama.

Vaccaria no Furadouro

Abre brevemente na praia do Furadouro, á esquina da rua da Capella nova com a avenida Thomaz Ribeiro, uma vaccaria magnificamente installada pelo esmero e pela superioridade selecta de magnificas vaccas leiteiras.

E' seu proprietario o snr. José Maria Lopes Valente.

O preço do leite é baratissimo —cada litro a 80 réis.

ANNUNCIOS

DESPEDIDA

José Ribeiro França, ausentando-se para a cidade do Rio de Janeiro, e na impossibilidade de se despedir de todas as pessoas das suas relações e amizade, vem por este meio fazel-o e offerecer-lhes o seu limitado prestimo alli.

Vallega, 31 de Agosto de 1908.

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE

ALVES CERQUEIRA

PRAÇA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços commodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapeus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnisadora —e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE

JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA

RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima

PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares

COM

ARMAZEM D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — **OVAR**

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, vinho nacional e estrangeiro e siam cereaes de producção nacional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.ª

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio—OVAR

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

	Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11		3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	—	10,6	12,16		—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,10	11,54		—	4.15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	21,26

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

EM

OVAR—Rua das Figueiras

DE

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida **TANOARIA**, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recebidos das propriedades do Ill.mo Snr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,,

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000$000

Emittido 320:000$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia **Fernando Arthur Pereira**, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.